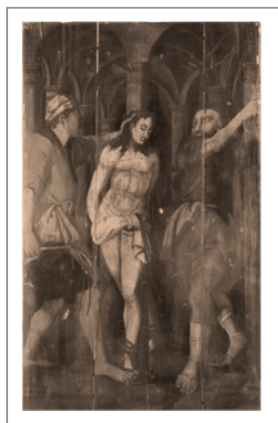


S. SEBASTIÃO EXORTANDO A FÉ DOS IRMÃOS CATIVOS CRISTÃOS MARCO E MARCELIANO



Mestre de S. Sebastião de Angra, 1580
Óleo sobre madeira de cedro
MAHR96476

Este painel, conjuntamente com outros dois, *Martírio pela Sagitação* e *Martírio pela Flagelação*, fez parte do antigo retábulo da capela mor da Igreja Matriz de S. Sebastião na ilha Terceira, quando esta foi ampliada e reconstruída no ano de 1568.

Neste painel, pode ver-se S. Sebastião consolando os gémeos Marco e Marceliano, feitos prisioneiros devido à sua conversão ao cristianismo. Diariamente torturados pelos seus algozes e exortados pela família a renunciar à sua fé, os irmãos tinham como único auxílio as visitas do santo, então capitão da guarda do imperador romano Maximiano, que, operando uma cura milagrosa da mulher do oficial que os mantinha cativos, consegue a sua libertação.

Foi atribuído ao Mestre de S. Sebastião de Angra, artista que, tal como refere Vitor Serrão, pertence a uma geração de pintores maneiristas com pouca influência flamenga e mais sujeitos a modelos italianizados, como se pode verificar pelas típicas deformações das poses dos carrascos nos painéis que representam o martírio de S. Sebastião. Deste mestre, conhecem-se outros trabalhos que se encontram atualmente no Museu Carlos Ma-

chado, em Ponta Delgada, e que terão tido proveniência no antigo convento de S. André de monjas clarissas, daquela cidade. Estas pinturas, que representam temas não muito comuns de *Nossa Senhora da Esperança* e *O Milagre do Cativo de Belmonte*, da *Matança dos Inocentes* e do *Martírio de Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens*, significam que este artista terá circulado pelo menos pela Ilha de S. Miguel, onde certamente terá tido mais encomendas.

Esta igreja de São Sebastião, danificada pelo sismo de 1614 e depois pelo incêndio de 1789 que destruiu quase completamente o seu interior, sofreu diversas obras de reconstrução. Classificada como imóvel de interesse público em 1951, foi, a partir de 1954 e até 1965, objeto de obras de restauro desenvolvidas pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no sentido de recuperar os seus vestígios afonsinos e manuelinos, ocultados ao longo do tempo. Os frescos existentes nas paredes laterais, datados por Luís Afonso como pertencendo ao primeiro terço do séc. XVI, atualmente em fase de estudo e conservação, revelam o interesse artístico deste imóvel.

TEXTO: FRANCISCO LIMA, MAH

FOTOGRAFIA: JOÃO MELO, MAH